

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE HISTÓRIA**

**ANDRÉ DE OLIVEIRA RAMILO**

**UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA  
DO CONFLITO DO CONTESTADO**

**CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2009**

**ANDRÉ DE OLIVEIRA RAMILO**

**UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA  
DO CONFLITO DO CONTESTADO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura e Bacharela do curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof.<sup>(a)</sup> Dr. João Henrique Zanelatto

**CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2009**

**ANDRÉ DE OLIVEIRA RAMILO**

**UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA  
DO CONFLITO DO CONTESTADO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura e Bacharelado, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em História Regional.

Criciúma, 23 de Novembro de 2009.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. João Henrique Zanelatto - UNESC - Orientador

Prof<sup>a</sup>. Msc. Débora Michels Mattos - UNESC

Prof. Msc. Nivaldo Aníbal Goularte – UNESC

**Dedico este Trabalho a minha família e a  
minha amiga, Adriana Geraldo Rosa.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pela sabedoria para execução deste trabalho; a minha mãe Nilceia de Oliveira Ramilo, e ao meu irmão Alberto de Oliveira Ramilo, pela insistência em terminar o curso de História e ser um grande historiador; ao professor orientador João Henrique Zanelatto pela paciência e compreensão que teve com a minha pessoa. Agradeço de coração e me sinto honrado de ter a professora Débora e professor Nivaldo fazendo parte da minha banca examinadora, pois são pessoas que eu considero muito. Obrigado a todos os meus amigos que sempre me compreenderam e ajudaram nos momentos difíceis.

## RESUMO

O Presente trabalho teve como objetivo fazer uma análise historiográfica das obras de Marli Auras “Guerra do Contestado: A Organização da da Irmandade Cabocla” e Oswaldo Rodrigues Cabral “A Campanha do Contestado”, e explicitar de que forma Auras e Cabral analisam o movimento dos caboclos. Para essa análise historiográfica utilizamos como referências historiador inglês Peter Burke e a historiadora catarinense Cristina S. Wolff. Em Burke buscamos o contraste entre a História Tradicional e a Nova História. O autor aponta para seis pontos de contrastes entre a História Tradicional e a Nova História. De Wolff utilizamos a classificação que a historiadora fez sobre a historiografia catarinense. O trabalho fez também um levantamento sobre os estudos sobre o contestado presentes nas bibliotecas das universidades catarinenses.

**Palavras chaves:** análise historiográfica, imagem do caboclo, conflitos sociais.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>2 AS PRODUÇÕES SOBRE A GUERRA DO CONTESTADO: UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA.....</b>	<b>09</b>
<b>3 UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DA GUERRA DO CONTESTADO: NA PERSPECTIVA DE AURAS E CABRAL.....</b>	<b>20</b>
<b>3.1 O Contestado na Perspectiva de Auras.....</b>	<b>20</b>
<b>3.2 O Contestado na visão de Cabral.....</b>	<b>25</b>
<b>3.3 Comparando a obra de Auras e Cabral.....</b>	<b>29</b>
<b>4 CONCLUSÃO.....</b>	<b>31</b>
<b>5 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal fazer uma análise historiográfica das obras de Marli Auras “Guerra do Contestado: A Organização da Irmandade Cabocla” e Oswaldo Rodrigues Cabral “A Campanha do Contestado”, e explicitar de que forma Auras e Cabral analisam o movimento dos caboclos.

Entre os autores que contribuíram para fazer essa análise historiográfica destacamos o historiador inglês Peter Burke e a historiadora catarinense Cristina S. Wolff. Em Burke buscamos o contraste entre a História Tradicional e a Nova História. O autor aponta para seis pontos de contrastes entre a História Tradicional e a Nova História. De acordo com Burke, a política é vista como o objeto central de estudo do historiador tradicional, pois esta relacionada completamente ao Estado e seus principais personagens estão relacionados à elite.

Ao analisar Burke percebe que este primeiro paradigma é quebrado a partir do momento em que a Nova História apresenta ao pesquisador outros objetos de estudo que o leva ao interesse por todas as atividades humanas, que esta relacionada as questões que formaram a ascensão da história das idéias, como por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo, a feminilidade, a leitura a fala e até mesmo o silêncio, que são elementos que constrói uma realidade cultural de uma determinada pessoa.

No segundo ponto de contraste, Burke explica a visão tradicional como uma história que pensa através das descrições dos acontecimentos. Dentro da Nova História Burke tenta romper com este pensamento citando Braudel, um historiador que trabalhava com a idéia de longa duração, ou seja, uma história que rejeitava os acontecimentos. O que realmente importava eram as mudanças econômicas, sociais e geo-históricas que contextualizariam a historia das estruturas.

Em um terceiro momento Burke apresenta a historia tradicional oferecendo uma visão de cima, no sentido de que deve sempre estar concentrada nos grandes feitos dos estadistas, gerais ou ocasionalmente eclesiásticos, “a historia vista de baixo” apresenta um contexto baseado através das mentalidades coletivas, por meio do pensamento das pessoas que demonstram sua experiências da mudança social em que vivem.

A análise de Burke, demonstra que a quarta linha de raciocínio do pensamento tradicional esta vinculada aos registros oficiais do Estado negligenciando qualquer outro tipo de fonte, enquanto a Nova História busca trazer novas evidências com auxílio da história oral, acervos particulares etc.

Burke analisa o quinto paradigma tradicional que costuma a se restringir aos personagens que são colocados em evidências na documentação, por exemplo, aqueles que se destacam dentro do contexto social, político, padres, coronéis etc. Quebrando com este tipo de pensamento, a Nova História apresenta um leque de questões que um historiador deve executar, para não ocorrer uma preocupação apenas com individualismo, mas também com movimentos coletivos.

De acordo com Burke o último paradigma tradicional é a historia objetiva, que para os historiadores tradicionais é trabalhada como a verdade, mas isso pode ser algo irreal, pois a visão do historiador esta sempre colocado em uma perspectiva, em algo determinado por nossa cultura, língua, posição social ou política e os próprios documentos apresentam visões parciais dos acontecimentos do passado. Sendo assim Burke, ao invés de apresenta uma historia verdadeira, demonstra a Nova História como projeto das múltiplas perspectivas.

Apartir dos contrastes tradicionais interpretados por Burke, Wolff em seu artigo publicado na Revista Catarinense de História faz uma classificação da historiografia catarinense em três principais abordagens: abordagem tradicional estadual, abordagem tradicional local e abordagem temática.

De acordo com Wolff, a abordagem tradicional estadual possui uma produção historiográfica preocupada na descrição da trajetória da política. Apresentam obras com fatos políticos, militares, nomes ilustres, empresários, religiosos, com biografias e cronologias referentes a esses personagens. É uma história vista de cima, pretende ser objetiva, utiliza de fontes oficiais escritas e uma narrativa dos acontecimentos, mas quase sempre deixam de citar as fontes dificultando bastante o trabalho de verificação e de aprofundamento do estudo.

Wolff analisa a abordagem tradicional local como obras de âmbito municipal escrita por historiadores amadores, mas estas pesquisas podem ser repetitivas e sem vida, por que as fontes utilizadas, métodos de pesquisa e delimitação do objeto, estão relacionadas às elites locais que são colocadas como sujeitos da história.

Wolff Apresenta a abordagem temática como algo que contrapõe completamente a história tradicional, pois nega a narrativa dos acontecimentos e trabalha com a interdisciplinaridade, análise das estruturas econômicas, história demográfica, e tem fundamento na terceira geração dos Annales da Escola Inglesa (Thompson, Hobsbawn e Hill), e utiliza de diversas fontes historiográficas, como por exemplo, memória, história oral e relacionando a história com o cotidiano.

Assim essa pesquisa constitui de uma análise historiográfica sobre a região do Contestado. Portanto a pesquisa utilizou-se somente das fontes bibliográficas, ou seja, os vários estudos sobre o Contestado.

O presente trabalho está dividido em dois capítulos: O primeiro intitulado “As Produções sobre a Guerra do Contestado: Uma Análise Introdutória”, que demonstra como estas obras relacionadas ao movimento estão distribuídas dentro das universidades do nosso Estado, especialização dos autores destas publicações e anos que estas pesquisas foram publicadas. No segundo capítulo com a temática “Uma Análise Historiográfica da Guerra do Contestado: na Perspectiva de Auras e Cabral”, apresentamos uma análise de estudo sobre Auras e Cabral, tentando perceber quais os métodos utilizados pelos autores, fontes, abordagens e as visões que possuíam sobre a guerra do contestado.

## Capítulo I

### AS PRODUÇÕES SOBRE A GUERRA DO CONTESTADO: UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA

O trabalho de pesquisa discute um dos movimentos sociais que marcou o Brasil durante a primeira República. A guerra do contestado possui importância histórica, pois expressa formas de lutas em diversos sentidos: luta pela posse e uso da terra, luta pela preservação da crença do caboclo expressos na sua religiosidade, luta pela sobrevivência e luta contra a penetração das relações capitalistas no campo.

Neste capítulo, inicialmente, vamos fazer uma rápida descrição do movimento do contestado para em seguida fazer uma análise de cunho mais introdutório dos estudos sobre esse conflito.

Desde segunda metade do século XIX a região do conflito era disputada pelas províncias do Paraná e Santa Catarina. A partir do momento que o Paraná se desmembrou de São Paulo, tentou estender seu território pelo oeste de Santa Catarina. Esta briga territorial ficou mais conflitante a partir do momento em que a Argentina também quis entrar no páreo. Diziam que a região de Palmas\* pertencia a sua jurisdição, mas este conflito foi encerrado com mediação do presidente Grover Cleveland, do Estados Unidos, quando definiu-se que o território pertencia ao Brasil.

A Constituição de 1891 possibilita aos estados o direito de cobrarem impostos sobre territórios, profissões e indústrias. Cada estado pretendia uma arrecadação maior, assim, acirravam-se as disputas por questão dos limites. Esta briga entre Santa Catarina e Paraná segue até 1916, quando os governadores Filipe Schmidt (SC) e Afonso Camargo (PR) fazem um acordo estabelecendo o território de cada estado.

De acordo com Serpa, a questão de limites entre Santa Catarina e Paraná está presente no momento em que houve a provocação da guerra,

---

\* Cidade de Palmas está atualmente localizado, na região de fronteira entre Santa Catarina e o Paraná.

[...] mas precisamente, quando os estados reconheceram a existência de discursos conflituosos sobre a região. Todavia os problemas entre os estados do Paraná e Santa Catarina dizem mais respeito aos interesses de ricos proprietários de terras dos dois estados e à questão de cobrança de impostos<sup>1</sup>.

No final do século XIX e começo do século XX a região começa a ser ocupada por empresas estrangeiras, que tinham interesse em construir uma estrada de ferro São Paulo/Rio Grande e o corte da madeira. Concebido pelo governo imperial é assumida a construção a partir da Primeira República, a firma *Brazil Railway Company*, do grupo do empresário Percival Farqhar, assumiu o controle sobre a companhia estrada de ferro em Santa Catarina e edificou a maior serraria da América do Sul em Três Barras (SC).

Durante o processo de elaboração da ferrovia, foram trazidos pelo governo vários trabalhadores da região do Rio de Janeiro, Santos, Recife e Salvador, que ao terminar o trabalho não podiam nem viver na redondeza da ferrovia, pois 15 km pertenciam à empresa, de acordo com contrato feito com o estado, e também a terra começa a ser vista como mercadoria dificultando a estes trabalhadores a sua compra, pois não possuíam nenhum tipo de capital.

Para Serpa não só homens, mulheres e crianças caboclas foram prejudicados, com sedimento das terras para o governo, o meio ambiente também começou a ser devastado, ou seja,

Cursos de rios foram modificados, a vegetação das margens de rios e riachos foi devastadas e enorme quantidade de árvores, como a araucária, foi derrubada, sem que houvesse a perspectivado replantio. A fauna também sofreu a ação destruidora do homem, ação que foi devastadora em relação ao meio ambiente e, conseqüentemente, contra o próprio homem<sup>2</sup>.

Aliado a exploração da mão-de-obra por parte dos latifundiários e a chegada das empresas, os sertanejos começam a utilizar a religião como uma forma de unidade grupal. Através desse catolicismo rústico os sertanejos se organizam e mobilizavam-se para a luta. Acreditavam que José Maria ressuscitaria e lideraria o exército encantado de São Sebastião.

A crença em líderes religioso pode ser contextualizada a partir da metade do século XIX no Oeste Catarinense. A historiografia destaca que na região do Contestado apareceram três líderes religiosos que vagavam pela região pregando,

---

<sup>1</sup> SERPA. A Guerra do Contestado (1912 – 1916); P 13.

<sup>2</sup> Ibidem; P 18.

receitando ervas, dando conselhos e levando uma palavra de consolo para as populações que viviam na extrema pobreza. Foram três personalidades diferentes, João Maria de Agostinho, João Maria de Jesus e José Maria, mas que para o sertanejo seria a mesma pessoa.

João Maria de Agostinho nasceu em Piemonte, na Itália. Era visto como um homem que possui cabelos longos e grisalhos, barba longa e tinha olhar manso, recusava o dinheiro, mas quando recebia, distribuía aos pobres e não admitia ajuntamento ao seu redor. Para o governo, sua conduta era conturbadora e provocava a instabilidade pública. Mas analisando Serpa, percebe-se que a prática missionária de João Maria de Agostinho não chamou a atenção da Igreja,

[...], pois este não aliciava adeptos para formar uma nova seita, não se abstinha de assistir missas e, muitas vezes, no final delas, aproveitava para dirigir palavras a seus ouvintes não se imiscuindo em assuntos de trabalho pastoral do clero<sup>3</sup>.

João Maria de Jesus assumia as características do primeiro profeta. Possuía uma posição política definida, dizia ser seguidor dos federalistas de Gumercindo Saraiva, e via a república como ordem do Demônio e a monarquia como uma ordem de Deus mas para o poder eclesiástico sua conduta era perturbadora, pois alegava que sua reza valia tanto quanto a missa do Frei Rogério Neuhaus: um franciscano que visitava SC com intuito de catequizar os sertanejos.

José Maria era o homem que mais possuía expressão em relação aos sertanejos, pois sua forma de vida abdicava de qualquer luxo, e sua forma de falar e curar conquistou até pessoas importantes da política.

Com a morte de José Maria, no combate do Irani, o primeiro embate do conflito surgiu entre os sertanejos, pois acreditavam que o monge iria ressuscitar e lideraria o movimento contra o governo. Entretanto, a falta de comunicação entre líder e seus súditos, começou a surgir os videntes que seriam escolhidos por José Maria. A primeira vidente foi Teodora, que dizia ao povo que se preparasse para guerra santa. O segundo foi Manoel, a relata que a população deveriam ir para Taquaruçu, aonde seu líder apareceria novamente para caboclos. Foi nesta cidade que surge o conceito de irmandade, no sentido de uma organização no entorno de um único objetivo, a crença no monge, mandando todos os homens cortar qualquer

---

<sup>3</sup> Ibidem; P 33.

tipo de pelo do corpo todos seriam conhecidos como “pelados”, e os inimigos, como “peludos”, ou seja, de acordo com Derengoski,

[...] após alguns caboclos terem seus cabelos raspados pela polícia, os “fanáticos” do Contestado decidiram também cortar os seus e passaram a se autodenominar “pelados”. Os inimigos da Monarquia Celestial começaram então a ser chamados de “peludos”.<sup>4</sup>

O primeiro conflito da guerra se originou a partir do momento em que o secretário geral do estado de SC, Lebon Régis, atacou a cidade de Taquaruçu, mas sua tropa foi derrotada pelos sertanejos, que tomaram posse das armas utilizadas pelo soldado do governo. Em fevereiro de 1914 acontece o segundo confronto, tendo como líder das tropas governamentais o coronel Aleluia Pires, desta vez quem venceu este combate foi o governo, destruindo completamente a cidade santa, e fazendo com que os caboclos sobreviventes migrassem para a cidade de Caraguatá.

Com a constante luta armada entre o governo e o povo, os sertanejos viram a necessidade de aprimorar suas estratégias militares. Dentro desse contexto surgem os “comandantes militares”: pessoas que iriam ensinar técnicas de luta e o uso da arma. Venuto Bahiano, foi considerado um dos principais formadores dessas forças sertanejas, com sua liderança enfrentou o ataque do tenente-coronel José Capitulino Freire Gameiro, e o derrotaram.

Como os padres tinham livres acesso a cidade de Caraguatá, o poder eclesiástico tentava através de estes religiosos modificar o pensamento da população, mas todas as suas tentativas foram em vão. Por essa razão o governo começou a colher informações dos padres que viviam no meio desta sociedade, formando assim um novo ataque comandado Carlos Federico Mesquita. Os soldados que investiram sobre Caraguatá nada encontraram, pois os sertanejos haviam se deslocado para a região de Timbozinho, por que Maria da Rosa, uma das videntes, teve uma visão de que a cidade santa seria atacada novamente.

Como o governo catarinense não possuía mais nenhuma estratégia para vencer os caboclos, pediram ajuda às forças armadas do governo federal que envia o coronel Setembrino. Ao chegar ao estado de SC iniciou uma caça violenta contra os sertanejos. Assim, unidos governo federal e estadual, os coronéis, a igreja católica oficial e as empresas conseguiram derrotar os sertanejos.

---

<sup>4</sup> DERENGOSKI, Paulo Ramos. Guerra no Contestado; P 65.

Posto isso é possível encontrar na historiografia catarinense e brasileira uma quantidade significativa de estudos sobre a guerra do contestado. Encontramos na pesquisa realizada nas bibliotecas das universidades do sistema ACADEMIA CAFE cerca de 229 obras. São obras que foram produzidas em épocas e contextos diferenciados, escritas por historiadores, sociólogos, escritores, jornalistas, advogados, letras (lingüísticos, literários e poetas), pedagogos, geógrafos, religiosos, políticos, médicos, filósofos e administradores. A guerra do contestado foi analisada por uma diversidade de perspectivas teóricas.

Assim o capítulo pretende, através de um levantamento quantitativo realizado nas universidades do sistema ACADEMIA CAFE sobre as produções da guerra do contestado, fazer uma classificação dessas produções.

Por meio da tabela a seguir começaremos uma discussão sobre as obras encontradas dentro de SC

#### Lista de Distribuição de Obras

UNIVERSIDADE	QUANTIDADE DE OBRAS
UNOESC – UNIV. DO OESTE CATARINENSE	31
UFSC – UNIV. FEDERAL DE SANTA CATARINA	27
UNESC – UNIV. DO EXTREMO SUL CATARINENSE	22
UNISUL – UNIVERSIDADE DO SUL CATARINENSE	21
UNIPLAC – UNIV. DO PLANALTO CATARINENSE	19
UNIVILLE – UNIV. DA REGIÃO DE JOINVILLE	19
UNOCHAPECÓ – UNIV. COM. DA REG. DE CHAPECÓ	17
UnC – UNIVERSIDADE DO CONTESTADO	14
UNERJ – CENTRO UNIVERSITÁRIO DE J. DO SUL	14
UDESC – UNIV. DO ESTADO DE SANTA CATARINA	14
UNIFEBE – CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRUSQUE	13
FURB – UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU	08
UNIVALI – UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ	05
UNIDAVI – UNIV. DES. DO ALTO VALE DO ITAJAÍ	05
Total	229

**Tabela 1**

**Fonte:** Criada pelo próprio autor

Como se pode observar na tabela acima, foram pesquisados em 12 bibliotecas do sistema ACADEMIA e nas duas instituições da capital UFSC e UDESC, temas relacionados com a Guerra do Contestado. Encontramos cerca de 229 referências bibliográficas em SC, sendo que a maior parte são obras repetidas, ou seja, se apresentam em quase todas as bibliotecas universitárias através de uma seleção obtemos o seguinte resultado, 50 livros e 10 artigos diferenciados que falam sobre o assunto abordado. Estas pesquisas com novas abordagens estão localizados em três pólos universitários; UNOESC – UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA, UNOCHAPECÓ – UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ e UFSC – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. São universidades que tem publicações feitas pelas suas próprias editoras.

Por meio da pesquisa descobrimos que em SC apenas a UNOESC possui 31 obras, a UFSC com 27, em terceiro lugar, a UNESC com 22, e logo atrás UNISUL com 21 são as instituições que mais possuem pesquisas relacionadas à Guerra do Contestado. O que se observa é uma certa preocupação das instituições do sul, da capital, é inesperado que apenas uma única universidade da região do Contestado, apareça nesta classificação.

Percebemos ao fazer um levantamento quantitativo que as referências são encontradas em quatro regiões do nosso estado a região do Contestado possui um total de 81 obras que contextualizam a temática, e se divide nas seguintes instituições, UNOESC com 31 obras, UNOCHAPECÓ 17 e UnC 14 e UNIPLAC 19.

Outro aspecto que o quadro revela é a grande quantidade de estudos presentes nas bibliotecas das universidades do Vale do Itajaí e Joinville. Encontramos cerca de 64 pesquisas, que estão divididas entre a UNIDAVI 5, UNIVALI 5, UNIFEBE 13, UNERJ 14, FURB 8 e UNIVILLE 19 a terceira região que mais apresenta obras é sul com 43 referências sobre o contestado, e se apresentam da seguinte forma, UNESC com 22 e na UNISUL com 21 a quarta região está localizada na capital, com cerca de 41 referências que são apresentadas da seguinte maneira, UFSC com 27 e a UDESC com 14.

O quadro a seguir procurou identificar a formação dos autores que escreveram sobre o contestado. A intenção é dar visibilidade para a área ou as áreas que mais vem se preocupando em estudar esse movimento que se constitui em um dos maiores episódios da história brasileira e catarinense em particular.

### Especialização dos Autores

Especialização	Quantidade
<b>História</b>	11
<b>Escritor (a)</b>	08
<b>Jornalismo</b>	04
<b>Sociologia</b>	03
<b>Medicina</b>	03
<b>Filosofia</b>	03
<b>Direito</b>	02
<b>Letras</b>	02
<b>Governo</b>	02
<b>Outros</b>	01

**Tabela 2**

**Fonte:** Criado pelo próprio autor

A guerra do Contestado é um estudo feito por muitos historiadores da historiografia brasileira. Se observar o quadro compreenderemos que a maior parte dos autores encontrados no sistema ACADE, são historiadores, somando um total equivalente a 11. Deste total de historiadores apenas Elio Cantalício Serpa, é catarinense, outros autores são paulistas, cariocas, gaúchos e maranhenses.

Dos 5 escritores que pesquisam o movimento, apenas Euclides Fellipe\* é catarinense, outros 4 são do estado de São Paulo e Paraná, os 4 jornalistas que tem referências dentro da abordagem do contestado, apenas Paulo Ramos Derengoski\* é catarinense. Os outros três autores são cariocas, dos 3 sociólogos, médicos e filósofos, apenas médico Oswaldo Rodrigues Cabral\*, e o filósofo Beneval de Oliveira\* são catarinense, outros pesquisadores são gaúchos, paulistas e cariocas.

Duglas Teixeira Monteiro\*, Maria Isaura Pereira Queiroz\* e Mauricio Vinhas de Queiroz\* são considerados autores clássicos da historiografia catarinense,

---

\* FELIPPE, Euclides J. O ultimo jagunço: folclore na historia do Contestado. Curitiba: Universidade do Contestado, 1995. P 212.

\* DERENGOSKI, Paulo Ramos. Guerra no Contestado. Florianópolis: Insular, 2000. P 134.

\* CABRAL, Oswaldo R. A Campanha do Contestado. 2. ed., rev. Florianópolis: Lunardelli, 1979. P 358.

\* OLIVEIRA, Beneval de. Planaltos de frio e lama: os fanáticos do contestado o meio, o homem, a guerra ensaio de história. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1985. P 195.

\* MONTEIRO, Duglas Teixeira. Os Errantes do Novo Século: Um Estudo sobre o Surto Milenarista do Contestado. São Paulo: Duas Cidades, 1974. P 281.

\* QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O messianismo no Brasil e no mundo. 2 ed. São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1977. P 440.

\* QUEIROZ, Mauricio Vinhas de. Messianismo e conflito social: A guerra sertaneja do Contestado, 1912-1916. 3. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1981. P 383.

por que são pesquisadores que vão ser mencionados em praticamente todos os estudos sobre a Guerra do Contestado.

Acompanhe o quadro seguinte e veja como estão apresentados estes a época e contexto que foram publicados.

#### Anos de Publicações

Obras	Época
A União do Paraná e Santa Catarina: o Estado do Iguçu	1916
Guerra em Sertões Brasileiros: do Fanatismo a Solução do Secular litígio entre o Paraná e Santa...	1931
O messianismo no Brasil e no mundo	1950

**Tabela 3**

**Fonte:** Criado pelo próprio autor

A primeira referência bibliográfica sobre a Guerra do Contestado surgiu no ano de 1916. Outro estudo sobre o contestado surgiria na 1950, a pesquisa intitulada “O messianismo no Brasil e no mundo”, a autora Maria Isaura Pereira de Queiroz. Como já foi observado anteriormente esse estudo configurou-se em um estudo clássico sobre o tema, sendo referência para muitos estudos posteriores.

#### Anos de Publicações

Obras	Época
Os Errantes do Novo Século: Um Estudo sobre o Surto Milenarista do Contestado	1974
O jagunço: Um Episódio da Guerra do Contestado.	1978
Guerra Camponesa no Contestado	1979
A Campanha do Contestado	1979

**Tabela 4**

**Fonte:** Criado pelo próprio autor

Durante a década de 70-80 foram publicadas apenas 4 obras, pois o governo estava na mão da ditadura militar\* pouco se produziu sobre o contestado. Porque fossem proibidos estudos que apontassem para rebeliões populares e que viessem questionar a ordem vigente.

---

\* DREIFUSS, René Armand. 1964: A conquista do Estado Ação Política, Poder e golpe de Classe. 5. ed. Rio Janeiro: Vozes, 1987. P 489.

### Anos de Publicações

Obras	Época
Messianismo e conflito social: a Guerra Sertaneja do Contestado (1912-1916)	1981
Civilizações Primitivas do Contestado	1981
Poesia e filosofia do mito sebastianista	1983
Trem de Ferro: A Ferrovia no Contestado	1983
Contestado: a guerra do novo mundo	1983
Aspectos do contestado	1984
Guerra do Contestado: a organização da Irmandade Cabocla	1984
A casa verde: Guerra do Contestado	1985
Guerra Civil em Caçador: Resumo da Participação de Caçador e do Envolvimento de sua gente na Campanha do Contestado 1913-1916	1986
Planaltos de Frio e Lama: os Fanáticos do Contestado, o meio, o homem, a guerra.	1986
A aviação Militar no Contestado: Réquiem para Klerk	1986
Contestado	1987

**Tabela 5**

**Fonte:** Criado pelo próprio autor

No período de 80-90, o contexto brasileiro era formado por grandes mudanças, principalmente na política, com a derrubada do poderio militar da presidência. Assumia um presidente civil no poder novamente, mas a repressão do governo ainda continuava. Agora a vítima do preconceito eram as pessoas que curtiam o MPB e Rock nacional\* pois eram músicas escrita por compositores que abriam a mente do povo. Com o surgimento do plano cruzado o setor econômico do Brasil se desenvolveu um pouco, dentro desta contextualização foram produzidas cerca de 12 obras.

### Anos de Publicações

Obras	Época
Contestado: A Revolta das Sem-Terras	1991
Sangue, Suor e Lágrimas no Chão Contestado: o Homem do Contestado, as Causas do Conflito, a Guerra do Contestado	1992
Rio Branco e o Contestado: a participação do Barão do Rio Branco no arbitramento da questão de limites entre Brasil e a Argentina	1993
Encantamento: Excursão à Guerra do Contestado	1994
Guerra do contestado: Verdade Histórica	1995
O ultimo jagunço: Folclore na História do Contestado	1995
Monge João Maria: Recusa dos Excluídos	1996
Romanceiro do Contestado	1996

\* BRANDÃO, Antonio Carlos; Duarte, Milton Fernandes. Movimentos Culturais da Juventude. 14. ed. São Paulo: Moderna, 1990. P 118.

Caraguatá: poemas inspirados na Guerra do Contestado	1996
São João Maria na história do Contestado	1997
Santa Catarina: 100 anos de História do Povoamento a Guerra do Contestado	1997
Contestado	1998
Glória até o Fim: Espionagem Militar na Guerra do Contestado	1998
Movimentos Messiânicos no tempo de Jesus: Jesus e outros Messias	1998
São João Maria não morreu	1998
Da cidade Santa a Corte Celeste: Memórias dos sertanejos e a Guerra do Contestado	1998
Os fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos	1999
Os iluminados: Personagens e Manifestações Místicas e Messiânicas no Contestado	1999
A Guerra do Contestado (1912-1916)	1999

**Tabela 6**

**Fonte:** Criado pelo próprio autor

Durante 90-00, o Brasil viu grandes movimentos populacionais que marcaram a sua história, um dos conflitos mais importantes foi o impeachment\* do presidente Collor, em 92, em que estudantes, trabalhadores, toda nação brasileira se uniu e conseguiram derrubar o governo. Neste período foram apresentado cerca de 19 obras que passaram novas visões sobre a campanha do contestado.

#### Anos de Publicações

Obras	Época
A guerra que o Brasil esqueceu	2000
Guerra no contestado	2000
Chica - Pelega do Taquaruçu	2000
Taipas: Origem do Homem do Contestado, o Caboclo	2000
Chica Pelega: a guerreira de Taquaruçu	2000
A guerra do contestado	2000
Contestado: Pelados versus Peludos - uma Batalha ainda não vencida	2001
Um Estudo sobre as Origens Sociais e a Formação Política das Lideranças Sertanejas do Contestado 1912-1916.	2001
A Presença da Gesta Carolíngia no Movimento do Contestado	2002
Reconstrução histórica e imaginária da guerra do contestado: uma batalha entre acontecimentos e significados	2002
Marcelino Ramos: a guerra e o pós-guerra do Contestado	2002
Educação: Dominação e liberdade na guerra santa do Contestado	2002
A guerra dos pelados: a literatura que se vê	2003
Contestado: A Guerra Cabocla	2003
A valorização da escola pública pela nacionalização das escolas alemãs na região do contestado em Santa Catarina	2003
Lideranças do contestado: A Formação e a Atuação das Chefias Caboclas (1912-1916)	2004
O movimento do Contestado visto por Cabral	2004

\* COLLOR, Fernando. Relato Para a História. Brasília – DF: Senado federal, 2007. P 96.

Contestado: historiografia e literatura (1980-2001)	2004
Maria Rosa: a "Virgem" Comandante da Guerra Sertaneja do Taquaruçu	2005
A Guerra Camponesa do Contestado	2005
Breve história da Guerra do Contestado	2005
Atrativos turísticos do Contestado	2006
O Contestado	2006
A Nacionalização no contestado, Centro-Oeste de Santa Catarina, na primeira metade do século XX.	2007
Entre Conflitos, Negociações e Representações: O Contestado Franco-Brasileiro na Última Década do Século XIX.	2008
A Guerra Santa revisitada: novos estudos sobre o movimento do Contestado	2008

**Tabela 7**

**Fonte:** feita pelo próprio autor

Em meados do Século XXI, as 26 obras que falam sobre o contestado, trabalham com história vista de baixo, ou seja, apresentam temas com visões diferentes sobre o conflito que marcou o território de fronteira entre o estado de Santa Catarina e Paraná.

A partir deste viés encontramos obras que abordaram novos conceitos, por exemplo, “A Presença da Gesta Carolíngia no Movimento do Contestado\*”, nos passa um conceito simbólico, a obra “Maria Rosa: a "Virgem" Comandante da Guerra Sertaneja do Taquaruçu” apresenta uma visão baseada no gênero, outro tipo de estudo que surgiu foi com conceito do imaginário, com a pesquisa “Reconstrução histórica e imaginária da guerra do contestado: uma batalha entre acontecimentos e significados\*”, o conceito de memória dentro do Contestado pode ser expressado através da obra “A Guerra Santa revisitada: novos estudos sobre o movimento do Contestado\*” e a representação pode ser expressada por meio do seguinte estudo “Entre Conflitos, Negociações e Representações: O Contestado Franco-Brasileiro na Última Década do Século XIX\*”.

\* ESPIG, Márcia Janete. A Presença da Gesta Carolíngia no Movimento do Contestado. Canoas: ULBRA, 2002. P 239.

\* DOLBERTH, Aldo. Maria Rosa: a "Virgem" Comandante da Guerra Sertaneja do Taquaruçu. Curitiba: Thipograf, 2005. P 58.

\* MENEZES, Celso Vianna Bezerra de. Reconstrução histórica e imaginário da guerra do contestado: uma batalha entre acontecimentos e significados. Revista Mediações, Londrina, v. 7, n. 1, p. 9-27, jan./jun. 2002.

\* ESPIG, Márcia Janete; MACHADO, Paulo Pinheiro. A Guerra Santa revisitada: Novos Estudos sobre o Movimento do Contestado. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008. P 331.

## Capítulo II

### **UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DA GUERRA DO CONTESTADO: NA PERSPECTIVA DE AURAS E CABRAL**

Nesse segundo capítulo, vamos fazer uma análise historiográfica sobre o movimento do contestado, através das obras de Marli Auras “Guerra do Contestado: A Organização da Irmandade Cabocla” e Oswaldo Rodrigues Cabral “A Campanha do Contestado”. Auras possui graduação em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (1970), especialização em Pesquisa Educacional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (1976), mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC (1983) e doutorado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1991). Atualmente é Professora Voluntária da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Fundamentos da Educação. Cabral era médico, político que produziu muitas obras sobre a história de Santa Catarina. Contribuiu muito para a historiografia do estado, suas obras são utilizadas até os dias de hoje como fontes de pesquisa. Buscamos perceber como cada autor construiu sua visão sobre esse movimento bem como as diferenças de abordagens. Para tanto utilizamos a classificação de Burke já explicitada na introdução como suporte teórico a fim de identificar as diferenças de abordagens dos autores.

#### **O Contestado na Perspectiva de Auras**

Marli Auras tem suas idéias baseadas em Gramsci, um teórico que possui uma visão marxista sobre a sociedade, a autora se auto define como uma marxista gramsciana, ou seja, a pesquisa trabalha com uma visão que quebra com o conceito tradicional, trabalhando com um olhar baseado em aspectos que valorizam o

---

\* CARDOSO, Francinete do Socorro Santos. Entre Conflitos, Negociações e Representações: O Contestado Franco-Brasileiro na Última Década do Século XIX. Belém: UNAMAZ, 2008. P 230.

personagem do caboclo dentro do Contestado. A autora nos proporciona uma nova perspectiva em relação as formas de organização de grupos (irmandades) é a uma análise fundamentada na “historia vista de baixo”.

Através da análise de documentos, Auras vai encontrar os registros oficiais que enfatizavam a visão dos militares sobre o conflito do Contestado. Outro tipo fonte que Auras utilizou para fundamentar sua pesquisa os estudos clássicos produzidos na década de 1950 e 1970, as obras de Maria Isaura Pereira de Queiroz, Mauricio Vinhas de Queiroz e Duglas Teixeira Monteiro. Outros tipos de fontes foram os mapas e jornais. Por meio de análise, elege como sujeito da obra os caboclos, principalmente na questão da formação de uma irmandade organizada contra o domínio dos coronéis, da igreja católica e a imposição do capitalismo.

Na introdução a autora se preocupa mais em perceber como vai desenvolver a sua Dissertação de Mestrado e nos apresenta seu objeto de estudo. No primeiro capítulo demonstra uma certa indignação de não ter obtido conhecimento em sua formação escolar sobre o Contestado, mesmo morando na região do conflito. Somente na universidade que ela veio ter contato, sendo que o contexto era de uma guerra entre o exército e um bando de facínoras, mas somente em seu mestrado em Filosofia da Educação, que entrou em contato com textos sobre o Contestado os quais mostravam a visão sobre luta dos caboclos.

Na segunda parte da sua pesquisa Auras abordou sobre a questão de limites entre o estado de Santa Catarina e Paraná. Utilizando como principal justificativa de separação geográfica do nosso estado em região planáltica e litorânea, o motivo dos povoadores serem de culturas de diversas regiões da Europa.

Para Auras, a Guerra do Contestado permeia as discussões de fronteiras entre Santa Catarina e Paraná e o coronelismo, mas a questão de limite não influenciou uma crise no mandonismo nacional e estadual, apenas subverteram a uma “paz” vigente.

É certo que serviu para formar grupos armados, a serviço de um ou de outro litigante, aumentando, desta forma, a circulação de armas na região serrana. É certo, igualmente, que nessa terra de ninguém a violência, já disseminada nas relações sociais como um valor, encontra campo favorável para sua exacerbação<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> AURAS. Guerra Contestado: A Organização da Irmandade Cabocla; P 27.

O coronelismo, de acordo com Auras, foi um dos pontos que estruturou a vida econômica Planaltina, pois a ordem econômica, política e social se baseava na pecuária (gado) e agricultura (erva-mate), a partir disso as terras começaram a serem alvos de cobiças, e era formalizadas pelo governo imperial e republicano, que começou a se render ao capitalismo fazendo tratados com empresas o Grupo Farqhar, que visavam em construir a maior estrada de ferro ligando São Paulo – Rio Grande. Com a chegada destas empresas muitos coronéis tiveram suas terras cedidas pelo governo para o desenvolvimento do capitalismo. A chegada dessas novas forças na região vai, segundo Auras desestruturar a ordem vigente, pois quem efetivamente perdeu suas terras foram os caboclos.

No segundo capítulo a autora demonstra como estes caboclos marginalizados denominados como os “pelados” elaboram a sua rebeldia contra a ordem capitalista e entram em conflito com os chamados “peludos”. Foi dessa forma que segundo Auras, os caboclos construíram a irmandade, através disso há um rompimento do catolicismo popular (o dos monges) com o catolicismo erudito (o do frei), e ocorre uma eclosão de conflitos armados entre os soldados defensores da “lei de deus” (a “monarquia” cabocla) e os soldados defensores da “lei do diabo” (a República laica). Assim iniciava um longo conflito pondo fim ao território livre dos caboclos, até o total extermínio pelas forças armadas.

Apartir da formação das irmandades de acordo com Auras, todo aquele que se opusesse contra João Maria era considerado como inimigo. Essa afluência crescente e apaixonada dos sertanejos pela prática do monge era tão intensa que a opinião do Frei Rogério Neuhaus, não possuía a mesma tenacidade. Podemos perceber que através desta crença nascia um movimento do catolicismo popular dentro do mundo rústico do contestado.

Segundo Auras é apartir deste momento em que os sertanejos começam a ver grande importância do monge João Maria, pois

[...] com seu falar manso, preenche espaços sociais vazios – a autoridade justa, o médico, o padre, o professor – e anuncia a vinda de novos tempos em que a felicidade, a fartura e a justiça se farão presentes<sup>6</sup>.

Com a parceria do governo com grupo Percival Farqhar, a mão-de-obra dos sertanejos mais uma vez foi utilizada, para construção de uma estrada de ferro

---

<sup>6</sup> Ibidem; P 33.

que ligava São Paulo ao Rio Grande. Também com a crise na produção do mate, após o término da construção da ferrovia muitos dos trabalhadores que foram trazidos de outras regiões e que já habitavam o litoral, acabaram erguendo pequenas moradias no leito da estrada de ferro, pois não possuíam nenhum tipo de renda ou propriedade.

Para Auras, com a separação do Estado da Igreja e queda do poder monárquico, a Ordem Franciscana viu a necessidade de enviar padres para todo o Brasil com intensão de catequizar e educar aqueles que não tinham nenhum tipo de contato com o catolicismo. O estado de Santa Catarina recebeu os primeiros padres alemães no dia 10 dezembro 1891, na paróquia de Lages por ser referência no planalto catarinense. Mas mesmo com todo este contexto o povo sertanejo não largava os costumes religiosos ensinados por João Maria, então a igreja católica viu que a única forma de derrubar esta irmandade era unindo-se com o estado.

De acordo com Auras, com o desaparecimento de João Maria em 1906, surge um novo monge chamado de José Maria, não importava para os sertanejos sua origem que analisando a autora era desconhecido, o que importava para os caboclos era sua “fé religiosa”.

Auras explica que o primeiro ataque aconteceu a partir do momento em que o Paraná descobriu que José Maria estava dentro do seu território, então automaticamente o governo requisitou o coronel João Gualberto para dizimar estes fanáticos. Ao saber do ataque alguns caboclos tentavam convencer a José Maria a que se mudasse, mas ele recusou, e no dia 22 de outubro de 1912, aconteceu o primeiro conflito entre as forças militares e os caboclos, obtendo a vitória dos sertanejos e a morte de José Maria e do Coronel João Gualberto.

Analisando Auras, percebe-se que mesmo depois da morte de José Maria, muitos de seus “fiéis” acreditavam que ressuscitaria, a partir deste ideal começam a surgir os videntes, pessoas que eram escolhidas pelo próprio monge, uma das ordens enviada pelo eremita aos videntes era que deveriam organizar um grupo de pessoas no qual denominaram como o exército encantado de São Sebastião.

Para Auras, com esse tipo de crença por parte dos sertanejos, fez com que a igreja católica perdesse completamente sua credibilidade, o que fortaleceu cada vez mais o seu pacto com governo, com estas características as investidas das

forças militares se tornou cada vez mais presente, ou seja, o estado pensava em atacar e os caboclos a se defender.

De acordo com Auras o governo federal enviou o Coronel Setembrino que chegou ao estado de Santa Catarina, e recebeu informações que enfrentaria um bando de fanáticos, então estabeleceu toda uma estratégia para o combate contra o movimento, os militares fazem um cerco aos caboclos. Neste contexto de dificuldades muitos dos sertanejos que faziam parte da irmandade começaram a duvidar que o monge ressuscitaria, e muitos aliaram-se ao coronel.

No seu terceiro capítulo Auras faz uma análise sobre a questão da “monarquia” e república na visão dos caboclos, pois para eles

[...] a “monarquia”, cujo entendimento por parte do caboclo, era difuso, “é uma coisa do céu”. Durante o Contestado, houve o empenho da própria vida do caboclo para que esta “lei de Deus” vigorasse aqui na terra, entre todos os homens. Não se pregava que tal reino seria vivido em um mundo extraterrestre<sup>7</sup>.

Já a república era vista como a representação do poder dos “coronéis”, da estrada de ferro, da Lumber e dos imigrantes por isso era preciso negá-la.

De acordo com Auras, a fundação da monarquia aqui na terra seria uma obra dos céus, um grande feito milagroso. A rejeição da república esta baseada na pregação apocalíptica dos monges, pois a irmandade acreditava na ressurreição do monge e de seus irmãos que lideraria o Exército Encantado de São Sebastião. Para os caboclos as irmandades era um tipo de sociedade que era totalmente contrário ordem capitalista em constituição, ou seja, eles sonhavam com uma sociedade que os sertanejos seriam tratados como iguais.

## **O Contestado na visão de Cabral**

Oswaldo Rodrigues Cabral tem suas idéias baseadas em uma visão tradicional, não deixa de ser um clássico da historiografia brasileira sobre o Contestado. O autor tem como objetivo central em derrubar as teses de alguns cronistas militares. Durante toda a sua obra defende a idéia de que a Guerra do

---

<sup>7</sup> Ibidem; P 89.

Contestado não foi uma luta religiosa e sim um conflito de cunho sócio – econômico, resultante de um fanatismo das populações sertanejas.

Suas fontes são fundamentadas em documentos militares, e na descrição de depoimentos de pessoas que participaram durante todo o movimento, podemos definir que Cabral trabalha com fontes documentais e orais.

Cabral em seu primeiro capítulo faz uma descrição sobre as origens do conflito de divisa entre Santa Catarina e Paraná recuando até o séc. XVIII. Reconstrói argumentações de Manoel da Silva Mafra, pelo lado Catarinense, e de Romário Martins, pelo lado dos paranaenses, que virou uma “questão lindeira” a partir do momento em que o Paraná se desmembrou da província de São Paulo em 1853.

Para Cabral, a briga territorial entre os dois estados se baseava em questões administrativas, ou seja, eram confusões das diferentes jurisdições civis, militares e eclesiásticas praticadas em uma região pouco povoada do império português. Nesta parte o autor também demonstra as características sociais do povoamento do planalto serrano.

Machado em sua análise da obra de Cabral, define que

embora Cabral não considere como decisiva para a precipitação do conflito, trata a antiga questão de limites com relativa relevância, uma vez que precariedade das jurisdições desestimulavam os respectivos governos a investirem na região, deixando aquelas populações sertanejas abandonadas a própria sorte<sup>8</sup>.

Para Cabral, os principais motivos que levaram os sertanejos a se mobilizarem em torno de uma crença, foi por causa do abandono sofrido pelos governantes e empresas do grupo Percival Farqhar, que utilizaram a mão-de-obra do povo, logo após deixaram sem nenhum tipo de renda ou meio de sobrevivência.

No segundo capítulo de sua obra, Cabral, dedica-se a fazer uma descrição minuciosa de cada um dos três monges que rodearam a região do Contestado.

---

<sup>8</sup> MACHADO. O Movimento do Contestado visto por Cabral; P 20.

[...] de cabelos longos e grisalhos, a barba longa e o olhar manso, que desejava a solidão e o isolamento, a quietude e as durezas da vida contemplativa, as horas longas passadas em orações e em êxtases, tal como haviam feito muitos outros que fugiram ao convívio dos homens para se aproximar de Deus<sup>9</sup>.

Estas características são encontradas no primeiro monge que visitou o estado de Santa Catarina e Paraná, João Maria Agostini, italiano nascido na região de Piemonte em 1801, sua vida é uma incógnita, no Brasil sua história se inicia nas cidades paulistas.

Para Cabral Mafra (Santa Catarina) e no Campestre (Rio Grande do Sul) foram as duas primeiras cidades da região a ter contato com o monge, nestas localidades foram levantados com ajuda dos moradores cruzeiros que imitariam a Via-Sacra, com o propósito de estimular adoração ao símbolo da fé cristã.

Cabral durante a sua obra apresenta que encontrou certa dificuldade em determinar o tempo em que João Maria permaneceu neste retiro, pois suas peregrinações pelo sul é um ponto controverso, pois não coincidem com os depoimentos da tradição oral.

Para Cabral as pessoas buscavam a cura por meio do auxílio do eremita, era por que a possibilidade de encontrar um médico em algumas regiões do país era mínima e o tratamento de muitas doenças ultrapassava a renda financeira de muitos caboclos.

Cabral trabalha no segundo momento deste capítulo, com a hipótese de haver dois João Maria, um que se isolou na região de Araraquara e o outro que percorreu as terras do sul, principalmente Santa Catarina e Paraná, mas como a vida de João Maria de Jesus era pública e notória, cedo estaria revelada a impostura de quem lhe tomava a fama nos estados sulinos.

Cabral analisa o segundo monge como possuidor das mesmas características do primeiro como se fosse um discípulo, mas apresentava novas idéias para a formação de um grupo, por exemplo, pediam aos sertanejos que produzisse seus próprios alimentos e que acreditassem nas promessas divinas que pregava,

---

<sup>9</sup> CABRAL, A Campanha do Contestado; P 107.

[...] O profeta não aceita dinheiro; contenta-se quando lhe oferecem alguma verdura, um pedaço de queijo ou um pouco de leite. Pouco se demora nas localidades. Aconselha a que tenha o povo bastante crença em Deus e que trabalhe para desviar as tentações<sup>10</sup>.

Mas de acordo com Cabral este monge tinha uma posição política que o diferenciava do seu antecessor, João Maria sempre foi simpatizante dos federalistas, por causa Gumerindo Souza, seu reconhecimento é tão grande que chega a benzer alguns soldados da revolução, a partir disso mostra certa influência.

Para Cabral José Maria seria um impostor, mesmo dizendo ser irmão de seus antecessores, apresentava qualidades diferenciadas, por exemplo, adorava viver rodeado de pessoas, não se recolhia para entrar em contato com o criador, não se mortificava e nem fazia penitências, não possuía virtude, procurava tirar lucro e quando suas crenças eram bonitas fazia suas companheiras.

Com repressão por parte do governo, fez com que o monge e os sertanejos levantassem acampamento e se locomove-se para Campos de Irani, então município de Palmas (Estado do Paraná) e hoje no de Joaçaba (Santa Catarina), e se desta vez ocorresse um novo ataque por parte do governo os caboclos estariam armados de facões para repelir ação das autoridades.

Cabral interpreta o início da Guerra do Contestado a partir do momento em que João Gualberto intimou a José Maria a comparecer a sua presença, mas o monge se recusou de ir ao seu encontro, então em forma de resposta o coronel pediu uma intervenção das forças policiais do estado do Paraná a atacar esta resistência. De forma repentina em resposta a ofensiva das Forças Policiais os sertanejos atacaram os soldados com facões, machado e foice, aos gritos bradando o nome de João Maria e José Maria, através de uma batalha sangrenta consegue-se a morte de José Maria e João Gualberto. Desta maneira

Iniciava-se, assim, a 22 de outubro, a campanha, a luta armada do Contestado. O sangue fora derramado. Quando isso acontece, o ódio penetra no coração dos homens. O desejo de vingança exige mais sangue. Vem das eras primitivas ser o preço do sangue o próprio sangue. Quem derrama de outrem, terá o seu derramado. A cobrança é um dever a que não pode fugir o herdeiro do nome. O resgate é a lei<sup>11</sup>.

Cabral busca explicar a crença dos caboclos no monge José Maria como uma forma de fanatismo, pois ao perderem seus lares sentiram-se abandonados e

---

<sup>10</sup> Ibidem; P 150.

<sup>11</sup> Ibidem P 101

desamparados, e foram considerados como intrusos em áreas cedidas para concessão feita a São Paulo - Rio Grande e mandados embora pelo governo de Curitiba, então viram certa proteção nas promessas divinas citadas pelo monge.

No terceiro capítulo do seu livro Cabral analisa a campanha do contestado, dividindo em dois momentos: o primeiro o domínio das lideranças religiosas nos ajuntamentos de Irani e Taquaraçu o segundo é o período de domínio do “banditismo e bandoleiros” a partir do reduto de Caraguatá até o de Santa Maria. É neste capítulo que o autor começa a formar seu pensamento sobre o movimento, começam a tratar os caboclos como um bando de bandidos.

De acordo com Cabral o ajuntamento de pessoas ao redor do eremita provocou certa desconfiança por parte do governo de Santa Catarina e Paraná, pois os dois estados achavam que este conflito está ligado aos problemas das questões de limites. Já para igreja católica unir-se com o poder político, foi única forma de tentar catequizar os seguidores de José Maria, e tentar redimir-se pelo abandono daquela região.

Cabral analisa este agrupamento de pessoas em redor de um líder religioso como um movimento de fanáticos que queriam rezar em paz, na esperança de assim atingir uma sociedade mais feliz, sendo que a existência destes sertanejos para muitos era considerada como miserável.

Segundo Cabral o movimento se desencadeou a partir do momento em que as Forças Policiais do Estado Paraná tentaram controlar a revolta dos marginais, que o governo havia provocado por causa do abandono a estas pessoas, quando seus serviços não eram mais precisos pelas empresas do Grupo Farqhar.

Cabral apresenta a proposta do monge José Maria, como uma forma de explorar e de viver da credulidade alheia, e o autor trata os sertanejos como um bando de fanáticos, pois eram exaltados por um misticismo exótico e não discutiam o que o monge pregava não os considerava perigosos, pois de forma pacífica levantaram acampamento quando foram mandados embora de Santa Catarina e somente atacaram o governo como uma forma de defesa pessoal.

Para Cabral o fanatismo ganhou força a partir do momento em que saíram de Taquaraçu, e começou a se organizar no reduto de Caraguatá, o fanatismo estava aliado ao “banditismo”, ou seja, deixou de ser uma luta contra dispersamento dos sertanejos e passou a ser considerado pelo governo como movimento contra um bando de “facínoras”.

Ao analisar Cabral, percebemos que esta questão sobre o “banditismo” teve desenvolvimento a partir do momento em que pessoas que cometiam crimes em outras regiões foram trazidas para Santa Catarina, ou seja,

[...] a maior parte desta gente foi conseguida nos centros populosos, entre a escória da sociedade. O rebotalho das ruas, malandros e criminosos, gente sem profissão e sem qualquer formação, egressos da justiça e fugitivos das cadeias, capoeiras afamados e facínoras de toda a espécie, de todas as procedências, foi que a Polícia, em suas batidas, recolheu e compulsoriamente deportou para o Contestado, metendo-os, sem possibilidade de fuga, no mato, para obrigá-los ao trabalho necessário<sup>12</sup>.

Cabral demonstra durante o seu estudo que a cultura da violência, entre pessoas armadas de faca contra o governo, não permeia somente a Guerra do Contestado, este tipo de luta vem desde participação dos serranos nas revoluções Farroupilha e Federalista.

Cabral apresenta o General Setembrino do exército brasileiro, como a solução para repelir este movimento popular que crescia a cada investida das forças militares, sua visão sobre os sertanejos era de certa forma preconceituosa, pois considerava estas pessoas como um bando de desocupados e que apenas proporcionavam a desordem social do país.

Ao interpretar Cabral percebemos que Setembrino coloca a culpa da explosão do movimento do contestado nas pessoas que vieram de fora do estado de Santa Catarina, ou seja, Setembrino compreende que o caboclo do nosso estado não seria capaz de tomar estas iniciativas.

### **Comparando a obra de Auras e Cabral**

Durante muito tempo a historiografia brasileira possuía uma visão tradicional, que enaltecia os governos, heróis, exército, ou seja, a elite. Mas com a quebra do paradigma entre a década de 70-80, alguns historiadores desenvolveram uma nova forma de escrita para História, ou seja, uma história que pesquise os fatos através da visão dos povos, trabalhando com a “história dos vencidos.” Para Peter Burke a nova história surgiu para quebrar com o tradicionalismo de uma visão do senso comum da história e ter como base filosófica a idéia de que a realidade é

---

<sup>12</sup> Ibidem; P 189.

social ou culturalmente constituída, ou seja, “a nova história é a história escrita como uma reação deliberada contra o “paradigma” tradicional aquele termo útil, embora impreciso, posto em circulação pelo historiador de ciência<sup>13</sup>.”

Auras tem como principal objeto de estudo a questão da organização das irmandades caboclas, faz uma análise dos motivos percussores que levaram os sertanejos a acreditarem em um líder religioso, a figura do caboclo para autora é vista como uma pessoa que durante todo o movimento lutou pelos seus direitos, sempre manteve seus princípios em aquilo que o monge apregoava.

Cabral é um autor que possui uma visão mais tradicional sobre a Guerra do Contestado, sua obra na realidade foi intitulada “Interpretação do monge José Maria: A campanha do Contestado”, mas após a sua segunda edição foi modificado para “Campanha do Contestado” por causa das opiniões de alguns políticos da época, sua pesquisa tem como objetivo demonstrar que os caboclos eram um bando de fanáticos e bandidos, pois as pessoas que foram trazidas de outras províncias para trabalhar na construção da estrada de ferro, muitos eram para pagar crimes que haviam cometido, fanáticos por que acreditaram em um homem que não possuía nenhum tipo de instrução ou conhecimento político.

---

<sup>13</sup> BURKE, Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro; P 10.

## CONCLUSÃO

A proposta deste presente trabalho no primeiro capítulo é mostrar a quantidade de referências bibliográficas que encontramos dentro do SISTEMA ACAFE e nas Universidades da Capital do nosso Estado, e no segundo capítulo através de uma análise historiográfica das obras de Marli Auras intitulada “Guerra do Contestado: A Organização da Irmandade Cabocla” e Oswaldo Rodrigues Cabral “A Campanha do Contestado”, apresentamos o conceito tradicional e da nova História sobre a Guerra do Contestado, contribuído por meio dos autores Burke e Wolff.

No primeiro capítulo através de uma análise quantitativa foi feito um levantamento de obras, autores e os anos de publicações sobre temáticas relacionadas à Guerra do Contestado dentro das universidades do sistema ACAFE e da Capital do estado de Santa Catarina.

Encontramos cerca de 229 referências bibliográficas em SC, e subdivide em 50 livros e 10 artigos diferenciados que falam sobre o assunto abordado. Estas obras estão localizados em três pólos universitários; UNOESC – UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA, UNOCHAPECÓ – UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ e UFSC – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA.

As referências são encontradas em quatro regiões do nosso estado a região do Contestado, alto Vale do Itajaí e Joinville, Sul e Capital, na região do conflito encontramos quatro universidades, UNOESC com 31 obras, UNOCHAPECÓ 17 e UnC 14 e UNIPLAC 19, somando um total de 81 obras que contextualizam a temática. No Vale do Itajaí e Joinville os estudos estão divididas entre a UNIDAVI 5, UNIVALI 5, UNIFEBE 13, UNERJ 14, FURB 8 e UNIVILLE 19 obtendo um total de 64 pesquisas, que a terceira região que mais apresenta obras é sul com 43 referências sobre o contestado, e se apresentam da seguinte maneira, UNESC com 22 e na UNISUL com 21 a quarta região está localizada na capital, com cerca de 41 referencias que são apresentadas da seguinte maneira, UFSC com 27 e a UDESC com 14.

As obras sobre o contestado encontradas dentro da historiografia brasileira são mais estudas por historiadores, escritores e jornalista, mas

infelizmente dos 39 autores que pesquisa o movimento, apenas 5 são catarinenses, outros autores se dividem entre os paulistas, paranaenses e gaúchos.

As publicações destas obras se inicia no ano de 1916, mas somente da década de 80 que vai aparecer estudos variados sobre o conflito, e em 2000 encontramos obras com conceitos diferenciados, por exemplo, imaginário, gênero, memória e representações.

E no segundo capítulo por meio da utilização de duas fontes bibliográficas foi produzido uma análise historiográfica sobre o movimento que marcou a história de Santa Catarina e Paraná.

Ao analisar Auras percebe que a autora trabalha com as lutas de classes dos caboclos e a formação das irmandades dentro da guerra do contestado, procura analisar o conceito pedagógico da guerra do Contestado e o acaso da visão de mundo da irmandade. Possui uma visão sobre o caboclo como um pessoa que visava a luta de seus direitos dentro da sociedade.

Ao interpretar Cabral percebe que o autor analisa os caboclos como um bando de “bandidos e bandoleiros”, por que a partir do momento em que começaram a receber pessoas de outras regiões, muitas destas eram criminosos e viam para o contestado como uma forma de pagar pelo seu crime, começaram a ter um opinião de luta contra a força do governo.

Um assunto que pode ser explorado dentro do contexto do Contestado é questão da influência do messianismo com auxílio da crença sobre os caboclos, e como se desenvolve o catolicismo rústico dentro do estado de Santa Catarina e Paraná.

## REFERÊNCIAS

- AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**: a organização da Irmandade Cabocla. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1984. 177 p.
- BURKE, Peter. **A escrita da Nova História**: Abertura a Nova História, seu passado e seu futuro. São Paulo: USP, 1992. P 7 – 37.
- CABRAL, Oswaldo R. **A Campanha do Contestado**. 2. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1979. 358 p.
- DERENGOSKI, Paulo Ramos. **Guerra no contestado**. Florianópolis: Insular, 2000. 134 p.
- FACHEL, José Fraga. **Monge João Maria**: Recusa dos Excluídos. Porto Alegre: UFRGS, 1996. 102 p.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. O movimento do Contestado visto por Cabral. **Percursos: revista do Núcleo de Estudos em Políticas Públicas da UDESC**, Florianópolis, SC, v. 5, n. 1, p.17-33, jan./jun. 2004.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. 2 ed. São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1977. 440 p.
- QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social**: a Guerra Sertaneja do Contestado 1912-1916. 2. ed. São Paulo: Ática, 1977. 325 p.
- SERPA, Élio C. **A Guerra do Contestado (1912-1916)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999. 75 p.
- WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia Catarinense: uma introdução ao debate. **Revista Catarinense de História**, Florianópolis, SC, n. 2, P 5-15. 1994.